



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA, INCLUSÃO E EDUCAÇÃO

LUANA GONÇALVES PIRES LOPES
DÉBORAH MARIA DE MELO BARRETO

**DEFICIÊNCIA INTELECTUAL NO ENSINO FUNDAMENTAL: Um olhar para a
prática de leitura**

Recife
2023

LUANA GONÇALVES PIRES LOPES
DÉBORAH MARIA DE MELO BARRETO

**DEFICIÊNCIA INTELECTUAL NO ENSINO FUNDAMENTAL: Um olhar para a
prática de leitura**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Pedagogia da Universidade Federal de
Pernambuco, como requisito parcial para
obtenção do título de licenciado(a) em
Pedagogia.

Aprovado em: 06/10/2023

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Tícia Cassiany Ferro Cavalcante (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dra. Liliane Maria Teixeira Lima de Carvalho (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Thiago Rodrigo Fernandes da Silva Santos (Examinador Externo)
Universidade Federal de Pernambuco

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Lopes, Luana Gonçalves Pires.

DEFICIÊNCIA INTELECTUAL NO ENSINO FUNDAMENTAL: Um
olhar para a prática de leitura / Luana Gonçalves Pires Lopes, Déborah Maria
de Melo Barreto. - Recife, 2023.

21 p. : il.

Orientador(a): Tícia Cassiany Ferro Cavalcante

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Educação, Pedagogia - Licenciatura, 2023.

10.

Inclui referências, anexos.

1. Deficiência intelectual. 2. Ensino Fundamental. 3. Leitura. I. Barreto,
Déborah Maria de Melo. II. Cavalcante, Tícia Cassiany Ferro. (Orientação). III.
Título.

370 CDD (22.ed.)

DEFICIÊNCIA INTELECTUAL NO ENSINO FUNDAMENTAL: Um olhar para a prática de leitura

INTELLECTUAL DISABILITY IN THE EARLY YEARS OF ELEMENTARY SCHOOL: A look at reading practice

Luana Gonçalves Pires Lopes
Déborah Maria de Melo Barreto
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

RESUMO

A deficiência intelectual é caracterizada por um desenvolvimento intelectual incompleto e tal condição afeta os aspectos cognitivos, sociais e educacionais dos indivíduos. Este trabalho objetivou identificar o potencial de leitura de crianças com deficiência intelectual matriculadas no Ensino Fundamental em escola municipal do Recife. Para isso, foi considerado o perfil profissional da professora regente da turma observada, as abordagens de ensino de leitura utilizadas por ela, e foram feitas análises das atividades propostas para o ensino de leitura com crianças com deficiência intelectual. A turma escolhida para a realização da pesquisa é constituída por duas crianças com hipótese diagnóstica de deficiência intelectual que ainda estão em processo de alfabetização. Enquanto aspectos metodológicos, foram realizadas observações e registros no diário de campo, análises das atividades próprias para o ensino de leitura e entrevista com a docente da turma. Os resultados, analisados de acordo com as categorias de Bardin (1977), evidenciaram a importância da parceria família-escola e de um ensino individualizado que contemple as especificidades dos estudantes. Este estudo é relevante para ampliar as discussões sobre a deficiência intelectual, que ainda é pouco discutida na atualidade.

Palavras-chave: Deficiência intelectual, Ensino Fundamental, leitura.

ABSTRACT

Intellectual disability is characterized by an incomplete intellectual development and such condition affects the cognitive, social and educational aspects of the individuals. This study aims to identify the reading potential of students with intellectual disability from an elementary school tied to Recife's municipal education system. To achieve this, it was taken into consideration the professional profile of the observed classroom's main teacher, the different approaches on reading utilized, and an analysis on the proposed activities destined to teach reading for intellectually disabled children. The chosen classroom for the research is composed by two children with diagnostic hypothesis of intellectual disability that are still into the literacy process. As for methodological aspects, observations and records were made into a diary, as well as analysis of activities intended for teaching reading and an interview with the classroom's teacher. The evidence, analyzed according to Bardin categories (1977) emphasizes the importance of the family-school partnership and of a special education that satisfies the particularities of the students. This study is relevant to broaden the discussions about intellectual disability, which still is very undebated.

Palavras-chave em outro idioma: Intellectual disability, Elementary School, literacy.

INTRODUÇÃO

De acordo com o artigo 2º da Lei Brasileira de Inclusão (LBI), considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas (Brasil, 2015).

Se tratando especificamente da deficiência intelectual, ela é considerada uma condição que impossibilita o desenvolvimento educacional e social do indivíduo. De acordo com a CID-10 (OMS, 1995), a classificação estatística internacional de doenças e problemas relacionados à saúde [...], a deficiência intelectual corresponde a um desenvolvimento incompleto do funcionamento intelectual, caracterizada, essencialmente, por um comprometimento das faculdades que determinam as funções cognitivas. Tal característica, durante muito tempo, fez com que estudantes com essa condição fossem excluídos dos espaços educativos. Atualmente, é possível sim pensar na aprendizagem do estudante com deficiência intelectual, considerando que todos eles são capazes de aprender.

Santos (2012) ressalta que a didática no ensino do aluno com deficiência intelectual precisa ser específica não só em relação às peculiaridades do quadro da deficiência, como também em relação à individualidade de cada sujeito. Na prática, isto se torna possível a partir da flexibilização e adequação curricular.

As crianças, independentemente de terem deficiência ou não, naturalmente possuem diferentes ritmos de aprendizagem. No processo de alfabetização, esses diferentes ritmos aparecem de forma mais acentuada e tal problemática é relevante ao se pensar na realidade das pessoas com deficiência intelectual, que muitas vezes têm o seu direito à aprendizagem negado.

É comum ainda, nesse processo de alfabetização de crianças com deficiência, simplificar o ensino da escrita e trabalhar apenas aspectos percepto-motores. Nessa perspectiva, Gonçalves (2013) pontua que reduzir a aprendizagem da escrita a um processo perceptivo-motor é um equívoco e tem sérias implicações pedagógicas, pois ela é um processo complexo de significação. Para a autora, o aprendizado do Sistema de Escrita Alfabética (SEA) é um processo bastante complexo para o aprendiz e que requer conhecimentos de natureza fonológica, morfológica, sintática, semântica e pragmática (Gonçalves, 2013). Contudo, pensar a alfabetização e letramento da pessoa com deficiência intelectual nesses diferentes âmbitos ainda é um ponto pouco pesquisado e discutido na atualidade.

O campo de pesquisa escolhido é uma escola municipal do Recife, localizada no bairro da Várzea, Recife/PE. Neste campo, buscou-se compreender como ocorre a prática de leitura direcionada a estudantes com deficiência intelectual.

O interesse em pesquisar este tema surgiu, primeiramente, pela sua relevância pessoal, tendo em vista que as pesquisadoras atuaram com este público através do estágio na rede municipal do Recife. As experiências de estágio contribuíram para ampliar as estratégias de ensino de crianças com esta condição e proporcionou novas aprendizagens sobre o tema, considerando as relações de afeto criadas no convívio e os desafios que contribuem com a formação docente. A vivência no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) realizado por uma das pesquisadoras também colaborou com este interesse de pesquisa, considerando que tal experiência possibilitou a ampliação dos conhecimentos sobre o tema, além de articular as experiências da graduação com as práticas escolares cotidianas.

Diante do exposto, essa pesquisa visa identificar o potencial de leitura das crianças com deficiência intelectual do 2º ano de uma escola municipal do Recife. Para isso, buscou-se especificamente, identificar o perfil profissional da professora regente da turma observada e descrever as abordagens de ensino de leitura utilizadas por ela. Dessa forma, foram feitas análises das atividades propostas para o ensino de leitura com crianças com deficiência intelectual. A turma escolhida para a realização da pesquisa é constituída por duas crianças com hipótese diagnóstica de deficiência intelectual que ainda estão em processo de alfabetização. Ou seja, elas possuem características próprias da deficiência intelectual mas ainda não possuem o laudo que comprove tal condição.

Academicamente, tal temática ainda é pouco pesquisada, sendo necessário avançar bastante ainda para favorecer o processo de inclusão da pessoa com deficiência intelectual. Dessa forma, buscou-se colaborar um pouco mais com as discussões a respeito da inclusão escolar, na medida em que há necessidade de estratégias pedagógicas que permitam o desenvolvimento deste público.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Escolarização da pessoa com deficiência intelectual

Os documentos oficiais nacionais consolidam à pessoa com deficiência intelectual o direito à matrícula nas escolas, bem como, o direito à aprendizagem. Segundo o artigo 27 da Lei Brasileira de Inclusão (LBI):

A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurados sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem (Brasil, 2015).

Sabe-se que nos últimos anos, a educação inclusiva vem ganhando cada vez mais espaço. Apesar do aumento do número de crianças nas escolas, para que estas se mantenham no processo

de escolarização são necessários outros elementos, como qualidade nas relações interativas, sensação de pertencimento, acessibilidade, entre outras coisas. Na sala de aula regular, há muitas heterogeneidades que podem, muitas vezes, implicar em não aprendizagem. Por este motivo, de acordo com Cavalcante e Santos (2022) é importante destacar que, apesar de os indivíduos apresentarem a mesma deficiência, como no caso da deficiência intelectual, as singularidades em cada um estão presentes, isto quer dizer que os recursos e serviços precisam variar, conforme a necessidade de cada pessoa.

Em concordância com Soares (2020), toda criança tem o direito de estar inserida na escola, como também tem o direito de aprender a ler. Dominar a leitura possibilita ler o mundo com mais criticidade, além de estimular a criatividade e a comunicação. Contudo, o domínio da leitura, sobretudo para os estudantes com deficiência intelectual, é um processo complexo. O Pacto de Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) destaca que quando falamos em alfabetização via educação inclusiva, esta se configura como um instrumento de inserção da criança na sociedade, e nos coloca diante de algumas reflexões pedagógicas (Brasil, 2012).

Para que a criança com deficiência consiga dominar a leitura é imprescindível adaptação e flexibilização do currículo escolar, em função da realização de práticas inclusivas. De acordo com Minetto (2012), as adequações são únicas para cada aluno, não podendo apresentar algo que venha a ser uma “receita” que possa ser aplicada em todos os casos. Ainda de acordo com ela, cabe ao professor, a partir das diretrizes básicas dos conteúdos a serem ensinados para a turma, analisar o que é adequado ao estudante e, conforme a necessidade, realizar a organização da sequência de conteúdos, controlando o tempo necessário para realização das atividades escolares (Minetto, 2012).

Compreende-se, então, a necessidade de discutir cientificamente a prática de leitura direcionada aos estudantes com deficiência intelectual e as adequações curriculares necessárias, considerando-se as características próprias deste público, tendo em vista que, infelizmente, na prática escolar cotidiana, ainda é possível encontrar crianças, adolescentes e adultos com deficiência intelectual que ainda não foram alfabetizados.

A importância de saber ler

Ler e escrever são processos distintos. A leitura é um processo de representação, pois o que lemos são letras que representam sons. Esses sons, combinados com outro(s) som(ns), formam uma palavra que, por sua vez, representa um objeto ou uma situação no mundo (Siqueira; Freitas, 2011). Já a escrita é uma forma de representação da linguagem oral; como tal, escrever também diz respeito a um ato de significar, de representar ideias, conceitos ou sentimentos, por meio de símbolos, mas de origem gráfica e não sonora (Ciríaco, 2020). Dessa maneira, em concordância com Ventura (2016), considera-se que uma criança pode ter dificuldade para

executar o traçado de letras, números ou palavras, mesmo tendo um bom nível de linguagem oral e ser um bom leitor.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), é dever do Estado garantir, através da educação pública, a alfabetização plena e a capacitação gradual para a leitura ao longo da educação básica como requisitos indispensáveis para a efetivação dos direitos e objetivos de aprendizagem e para o desenvolvimento dos indivíduos (Brasil, 1996).

Saber ler possibilita a participação em diversos espaços sociais e culturais, estimulando a capacidade reflexiva e crítica dos sujeitos. Através da leitura o homem adquire uma consciência a qual indo além das aparências, percebe a realidade como mutável, tornando-se um investigador, capaz de examinar o velho e o novo sem preconceito (Oliveira; Nascimento, 1998). Nesse processo, é comum algumas formas de ensino se tornarem automáticas no cotidiano, como o uso da repetição para memorização. Contudo, essa forma não considera prioritariamente a reflexão sobre a origem ou causa de determinada forma de escrita ou formação de palavras.

Compreende-se o processo de leitura como abrangente e complexo, o que exige metodologias de ensino adequadas. Em concordância com o PNAIC (2012), para que os indivíduos possam ler e produzir textos com autonomia é necessário que eles consolidem as correspondências grafofônicas, ao mesmo tempo em que vivenciem atividades de leitura e produção de textos (Brasil, 2012).

O ensino da leitura constitui-se como uma das etapas mais importantes do processo de escolarização. Nessa área, no que diz respeito aos estudantes com deficiência intelectual, a aprendizagem assemelha-se à dos estudantes sem deficiência em muitos aspectos, porém necessita de adaptações voltadas para suas individualidades (Galvani; Mendes, 2018).

Entende-se enquanto aluno leitor, um sujeito capaz de decodificar as palavras e além disso, entender o que está sendo lido e refletir sobre isso, sendo capaz de compreender textos presentes no cotidiano. Sendo assim, considera-se aspectos que vão além da alfabetização. Em concordância com Silva e Santos (2020), entendemos por alfabetização a ação de ler e escrever, já o letramento é a utilização desta tecnologia em práticas sociais de leitura e de escrita.

Partindo desse pressuposto, considera-se relevante que os indivíduos possam estar na condição de sujeitos letrados, tendo em vista que se apropriar de tais habilidades contribui para a formação de um pessoas pensantes, além de estimular a imaginação, interpretação e reflexão crítica das coisas, sendo um instrumento fundamental para estar plenamente inserido em todos os âmbitos da sociedade.

Caminhos para a aprendizagem de pessoas com deficiência intelectual

No sistema educacional brasileiro, há grandes desafios para trabalhar o ensino e aprendizagem de estudantes com deficiência de forma geral. De fato, há certas limitações que podem dificultar determinadas aprendizagens, as quais envolvem falta de recursos, estrutura,

qualificação, entre outros. Contudo, é preciso sempre possibilitar a construção de aprendizagens, sobretudo na prática de leitura.

Enquanto estratégias de ensino, Santos (2012) considera que o currículo e o planejamento propostos ao aluno com deficiência intelectual deve gerar experiências em um ambiente que estimule a curiosidade e desafie o aluno, a fim de gerar um repertório permanente de iniciativa e exploração ativa. Além disso, a autora complementa que reconhecer os interesses que o aluno já possui, a fim de favorecer a valorização, a motivação e o vínculo com o professor, o qual está compartilhando de aspectos pessoais do aluno, também é importante (Santos, 2012).

Os professores e toda a equipe escolar, nesse sentido, têm papel essencial para inserção do aluno com deficiência intelectual nas atividades de leitura. Este processo não é algo simples, considerando que estes estudantes levam mais tempo para assimilar determinadas informações e precisam de constante repetição dos comandos. Dessa forma, é necessário tempo para estimular a autonomia do educando e apresentar a ele atividades que sejam de acordo às suas necessidades.

Para consolidar o processo de leitura de forma sistemática e progressiva, é preciso que haja o reconhecimento das letras e sons até a leitura de pequenos textos. Dessa forma, é essencial a disponibilidade de materiais diversos e que os estudantes com deficiência intelectual tenham acesso a várias as possibilidades de ensino.

A deficiência intelectual apresenta algumas singularidades, e por isso, não é possível definir estratégias e métodos únicos para o ensino de leitura sem considerar as individualidades dos estudantes. A parceria entre os profissionais que atuam na escola também é um fator fundamental.

Pode-se dizer que, para efetivar o direito à escolarização de qualidade para os estudantes com deficiência intelectual, é necessário estabelecer uma rede de colaboração entre os profissionais que atuam em sala de aula regular e na educação especial, para planejar, elaborar, aplicar e avaliar as atividades curriculares e estratégias para o ensino regular, a fim de garantir a permanência e a apropriação de conhecimentos desses estudantes (Galvani; Mendes, 2018 p. 156).

O ensino de leitura necessita de sistematização, organização e diversificação das estratégias, por meio de materiais que promovam a vivência das experiências práticas e uma aprendizagem significativa (Galvani; Mendes, 2018). Dessa forma, consideramos importante observar e compreender se tais estratégias estão sendo feitas na prática em uma escola da rede municipal do Recife, bem como, de que forma estão ocorrendo.

METODOLOGIA

Esta pesquisa caracterizou-se como qualitativa, pois buscou compreender fenômenos subjetivos. De acordo com Triviños (1987), alguns autores entendem a pesquisa qualitativa como “expressão genérica”. Isto significa, por um lado, que ela compreende atividades de investigação que podem ser específicas. E por outro, que todas elas podem ser caracterizadas por traços comuns.

O que resulta de um trabalho de pesquisa é uma forma de ver e de perceber a realidade com um olhar particular, sem deixar de revelar e demonstrar um contexto bem mais amplo que permite à realidade evidenciar-se através do pesquisador (Ghedin, 2004). Dessa forma, através desta pesquisa, buscou-se identificar as práticas de leitura direcionadas para a aprendizagem de crianças com deficiência intelectual na rede municipal do Recife.

Para o levantamento de dados, utilizamos enquanto instrumento de pesquisa a observação, que é base da investigação científica. A observação é uma técnica de coleta de dados qualitativos em pesquisa educacional, que enfatiza a necessidade do cuidado e da sistematização para compreender os contextos sociais e culturais dos fenômenos estudados (Triviños, 1987). Sendo assim, foram observadas três aulas da turma, que permitiram a realização de registros dos fenômenos para a sistematização dos dados.

Compreendendo que a tarefa de aprender a ler é complexa e requer diversas estratégias de ensino, foi identificado o perfil e a forma de trabalho da professora regente no ensino de leitura para crianças com deficiência intelectual. Para isso, realizamos uma entrevista com a docente para compreender o contexto de sua formação, suas concepções e práticas pedagógicas. De acordo com Szymanski (2021), a entrevista:

[...] é um momento de organização de ideias e de construção de um discurso para um interlocutor, o que já caracteriza o caráter de recorte da experiência e reafirma a situação de interação como geradora de um discurso particularizado. Esse processo interativo complexo tem um caráter reflexivo, num intercâmbio contínuo entre os significados e o sistema de crenças e valores, perpassados pelas emoções e sentimentos dos protagonistas. (Szymanski, 2021 p. 5).

Devido a diversidade de formas e estilos de entrevista, optamos por utilizar a entrevista semi-estruturada. Nela, geralmente se parte de um protocolo que inclui os temas a serem discutidos na entrevista, mas eles não são introduzidos da mesma maneira, na mesma ordem, nem se espera que os entrevistados sejam limitados nas suas respostas e nem que respondam tudo da mesma maneira (Moreira; Caleffe, 2008).

Ainda de acordo com os autores, ela também oferece uma oportunidade para esclarecer qualquer tipo de resposta quando for necessário, é mais fácil de ser analisada do que a entrevista não estruturada, mas não tão fácil quando a entrevista estruturada (Moreira; Caleffe, 2008).

Para se aproximar ainda mais da prática do ensino de leitura direcionado às crianças com deficiência intelectual, foi realizada a análise documental das atividades utilizadas pela professora. A análise documental pode se constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema (André; Ludke, 1986). Acredita-se que estas atividades são instrumentos ricos e contribuem significativamente para a aproximação com o ensino.

O campo de pesquisa escolhido foi uma escola municipal do Recife, localizada no bairro da Várzea, Recife/PE. Inicialmente, tal escola pertencia à rede estadual de educação e, anos depois, foi transferida para um prédio pertencente à UFPE, onde funciona atualmente. Antigamente, a escola contemplava alunos em situação de vulnerabilidade econômica, mas no momento presente, ela dispõe de um grupo diverso de estudantes. Além disso, o campo costuma acolher bem todas as pessoas que desejam fazer intervenções, observações e pesquisas no espaço, sendo este um aspecto bastante positivo para a comunidade, para a disseminação e produção do conhecimento científico.

Em relação ao aspecto físico, a escola passou por uma reforma e dispõe de uma boa estrutura física, com salas climatizadas, materiais preservados e recursos disponíveis (materiais, tecnologia, internet, etc.). Quanto às modalidades de ensino, o espaço contempla a Educação Infantil (Grupos 4 e 5), Ensino Fundamental - anos iniciais e Educação de Jovens e Adultos à noite. Em média, a escola possui 250 alunos e costuma receber muitos estudantes com deficiência.

A turma escolhida para a realização da pesquisa possui dois estudantes com hipótese diagnóstica de deficiência intelectual que ainda estão se apropriando da leitura. Ou seja, tais estudantes têm características da deficiência intelectual, contudo, ainda não possuem laudo que ateste tal condição. Considera-se que estes estudantes possuem a necessidade de estratégias pedagógicas adequadas para que, a partir das suas singularidades, consolidem a leitura, que é um aspecto relevante para a vida em sociedade.

A análise e discussão dos resultados foram realizadas com base na análise de conteúdo de Bardin (1977), que se caracteriza como um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a «discursos» (conteúdos e continentes) extremamente diversificados. Dessa forma, foram criadas quatro categorias de análise que estão dispostas a seguir.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para a análise e discussão de resultados, serão utilizadas quatro categorias de análise de acordo com a teoria de Bardin.

Perfil e forma de trabalho da professora regente

A professora regente tem formação em licenciatura em história e possui cerca de 40 anos de atuação enquanto docente. Ela não teve formação específica para atuar com educação inclusiva e essa é uma das principais dificuldades relatadas por ela no ensino de crianças com deficiência. Ela afirma que no início da sua carreira não era evidenciada a presença de estudantes com deficiência, mas com o passar do tempo e com a Política da Educação Inclusiva, ela precisou buscar maneiras de adequar seu trabalho para também abarcar as necessidades desses discentes.

Através das observações, foi possível perceber que a professora mantém uma rotina com as crianças. Após a organização da turma, todos cantam músicas de boas vindas e depois a docente introduz os conteúdos. A turma é composta por 17 estudantes, sendo quatro deles com deficiência. A professora costuma estimular a interação entre os pares e, através das observações, fica claro que existe uma boa relação entre todos. Sobre o ensino da leitura, a professora ressalta que não se considera uma “professora alfabetizadora”, pois ela passou grande parte da sua vida profissional em turmas do 4º e 5º anos. Ela destaca dificuldades para o ensino da leitura e a necessidade da constante busca de novas estratégias de ensino. Durante as aulas, há momentos de leitura em que toda a turma participa, as crianças com deficiência intelectual têm apoio dos estagiários e sempre são chamadas para participar das atividades junto a turma.

Em seu trabalho, a professora destaca que utiliza recursos diversos como cartazes, livros, música, fichas, jogos, computador e televisão, e que está sempre buscando novas alternativas de ensino porque entende que são crianças pequenas e que elas precisam da ludicidade também, além dos livros e fichas. A docente considera que faz adequações das atividades para as crianças e destaca que mesmo sem uma formação específica para educação inclusiva, gosta do seu trabalho e tem amor pelas crianças, o que facilita o processo de construção de aprendizagens.

Caracterização das crianças com deficiência intelectual

As crianças observadas são uma menina e um menino que estão matriculados no 2º ano do Ensino Fundamental e têm 7 anos. Ambas possuem questões familiares complexas que refletem no cotidiano escolar, tais questões englobam inclusive, falta de cuidado e higiene pessoal. Em concordância com Libâneo (2008), se tratando da relação escola-família, o estímulo à participação dos responsáveis na dinâmica escolar, ao ser estreitado, pode ser um laço que potencializa a concretização de objetivos educacionais, incluindo aqueles do desenvolvimento, ensino e aprendizagem dos alunos. As crianças observadas por não possuírem um acompanhamento familiar satisfatório, às vezes já chegam desorganizadas em sala de aula, o que

dificulta o processo de aprendizagem.

Dentre os aspectos observados, a menina possui hipótese diagnóstica de deficiência intelectual, pois tem muita dificuldade no aprendizado e não costuma “fixar” as informações que lhe são explicadas. Já o menino, além da hipótese diagnóstica de deficiência intelectual, também possui transtorno do déficit de atenção com hiperatividade (TDAH), sendo difícil manter a atenção dele por muito tempo em determinadas atividades. Contudo, o menino reconhece algumas letras do alfabeto e escreve algumas palavras curtas, enquanto a menina ainda está aprendendo as vogais.

Ambas as crianças estão em hipótese de deficiência intelectual com base no acompanhamento da professora regente, que percebe dificuldades cotidianas no processo de aprendizagem de ambos. Arelado a isso, a professora do Atendimento Educacional Especializado (AEE) também considera a hipótese, na medida em que faz investigações com essas crianças na Sala de Recursos Multifuncionais (SRM). Contudo, essas crianças ainda não possuem o laudo devido a dificuldade no acompanhamento médico que as famílias enfrentam. Enquanto suporte em sala, as crianças possuem o acompanhamento de um estagiário de pedagogia, que senta ao lado deles para fazer as explicações das atividades propostas, pois nenhuma das crianças lê com autonomia.

Abordagens do ensino de leitura

A partir da entrevista, a professora afirma que trabalha o ensino de leitura frequentemente por se tratar de uma turma que está no ciclo de alfabetização. De acordo com ela: “Em todas as situações a gente trabalha a leitura, agora mesmo eu estou preparando um texto que trabalha a rima porque a gente vai ter essa dinâmica com eles de se ater a questão da rima para a construção das palavras e a sonorização. E isso a gente está trabalhando a leitura todo o tempo”. Segundo Oliveira e Nascimento (1998), ler é um processo de passar da consciência ingênua fragmentada, sincrética para uma visão crítica globalizadora. É passar de uma experiência confusa, apoiada no afetivo e na imaginação para uma síntese coerente, esclarecedora e significativa, por isso, desenvolver tal habilidade é tão relevante no cotidiano escolar.

Para dar suporte ao trabalho de alfabetização, os recursos são bastante significativos. A docente relata que utiliza um pouco de tudo em seu cotidiano. Ela produz grande parte dos materiais didáticos utilizados no ensino, sendo estes: cartazes, fichas, elementos lúdicos, brincadeiras, cantigas para identificar e registrar as palavras, entre outros. Ela destaca que mesmo não sendo professora alfabetizadora, está buscando formas e alternativas para fazer com que as crianças alcancem um nível de leitura satisfatório. Este empenho da docente foi bastante claro durante as observações realizadas, pois ela dá bastante ênfase aos sons das letras e sempre instiga a participação de todas as crianças no processo de aprendizagem.

A docente também destacou que faz uso de recursos tecnológicos, “ainda ontem eu estava trabalhando com eles com o computador para que eles tenham a experiência. Eu pensei que eles fossem entender rápido, mas eles ficaram sem saber o que fazer, não sabiam onde tinham certos comandos e a professora deles é péssima nisso (risos). Essas práticas e esses momentos são ótimos pra eles desbravarem a questão do conhecimento, facilita a vida deles”. Tal trecho ressalta que a professora compreende que o hábito de leitura não deve estar relacionado apenas entre as obrigações da escola, mas sim que se associa aos diversos textos com que a criança está envolvida no cotidiano, como os escritos nas telas, por exemplo. E mesmo não tendo o pleno domínio desses recursos, procura utilizá-los em sala de aula da mesma forma, buscando suporte com as próprias crianças para que as aprendizagens sejam construídas coletivamente.

No processo de leitura se faz necessário que a criança compreenda o texto e não o memorize, pois como a memorização não garante a compreensão esta também não garante a memorização (Oliveira; Nascimento, 1998). É comum que no processo de ensino da criança com deficiência intelectual, ela repita e o professor pense que ela aprendeu, mas pode ser apenas uma reprodução. Tal aspecto foi observado no ensino da menina, quando o estagiário falou o nome das letras e ela repetiu, mas quando ele perguntou novamente os nomes, a menina já não sabia mais dizer.

Sobre a inclusão de crianças com deficiência no ensino de leitura, a docente considera que faz tudo para adequar o que é trabalhado. Segundo ela, “embora a gente não tenha o domínio dessa área ‘especial’, eu acredito que mesmo que você não tenha o domínio ou não seja formado naquela área, você tem que gostar. Se você tiver isso, você vai conseguir mecanismos que possam alcançá-los”.

Enquanto dificuldades e desafios no ensino de leitura, a docente destaca que a condição de deficiência, dependendo de qual seja, tem uma interferência, “às vezes me frustro porque não encontro uma maneira de contornar a situação. Como não sou profissional da área, me perco na questão do direcionamento para construir o processo de leitura com essa dificuldade. A família também é um problema, porque às vezes os parentes respondem as atividades pelas crianças”. Em concordância com Silva (2011), “considerada um sistema, a família carrega em seus ombros a função e o dever de proteger os seus membros, favorecendo a eles o conhecimento e a cultura a qual pertencem”. Por este motivo, essa instituição tem uma função nas questões referentes à educação, acolhimento e inserção dos sujeitos no mundo. Quando este papel não é garantido, se torna mais desafiador consolidar determinados ensinamentos.

Análise das atividades propostas

No momento das observações, a escola estava em período de folclore e algumas atividades foram relacionadas a este tema. Em uma das vivências, a professora leu um cordel

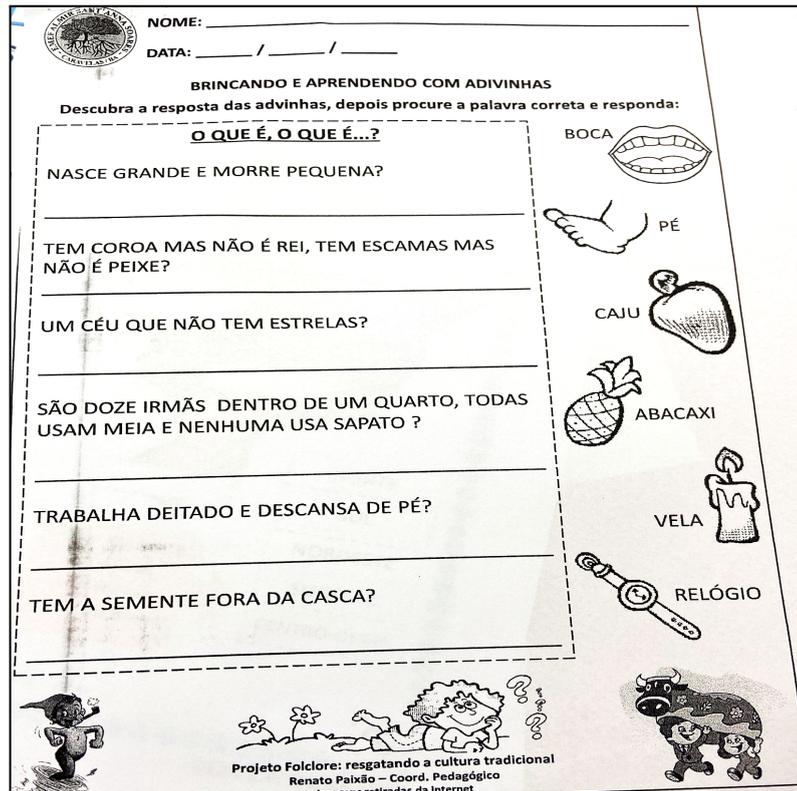
sobre o folclore e depois exibiu vídeos sobre o tema. No momento da leitura do cordel, as crianças com deficiência intelectual fizeram atividades à parte voltadas para o processo de alfabetização. A aula foi interdisciplinar sobre as regiões do Brasil e as suas festas populares. A primeira atividade solicitou que as crianças recortassem os nomes das regiões do Brasil e colassem de acordo com suas posições no mapa; já a segunda atividade pedia que os estudantes ligassem as festas populares às respectivas regiões as quais elas correspondiam.

Todas as crianças receberam e realizaram tais atividades. Contudo, as crianças com deficiência intelectual dispuseram de um estagiário para auxiliá-las e demandaram um pouco mais tempo na realização. Além disso, a professora também ajudou nessa mediação, ela sentou com as crianças e foi explicando que no país havia cinco diferentes regiões e que cada uma tinha características próprias. Abaixo, segue as imagens das atividades realizadas.



Fonte: Autoras, 2023.

Como atividade de casa, a docente passou uma atividade que trabalhava o uso das adivinhações folclóricas, conforme a imagem abaixo. A atividade em questão, bem como as demais, possui imagens de suporte com a escrita das figuras para facilitar o reconhecimento, considerando que as crianças ainda estão se apropriando da leitura. Após distribuir as folhas, a docente fez a explicação lendo os enunciados. Esse momento despertou atenção de todas as crianças, na medida em que todas elas queriam acertar as respostas. Foi observado que a docente costuma envolver e estimular a curiosidade das crianças, pois compreende que assim as crianças são motivadas a pesquisar mais e terem mais informações. Através de perguntas, as crianças são convidadas a refletir e se sentir seguras ao questionar o novo.

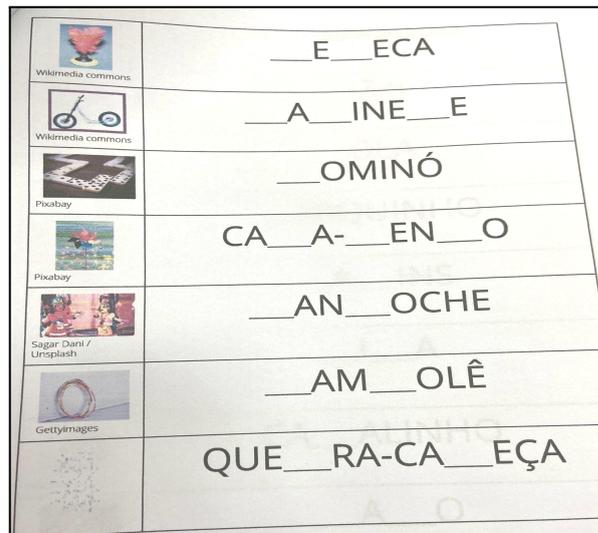
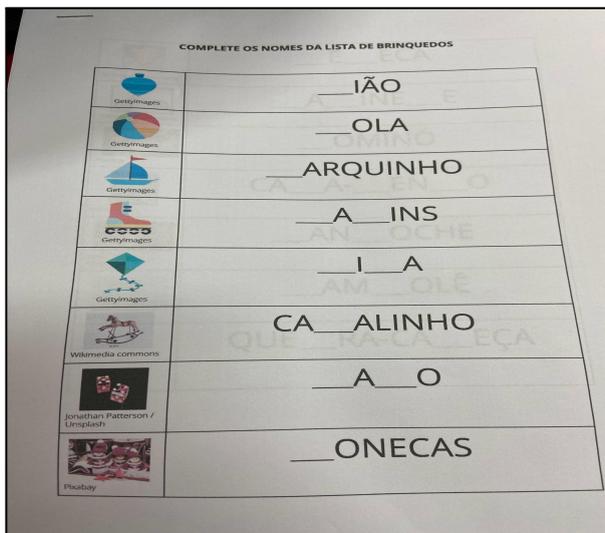


Fonte: Autoras, 2023.

Em outra vivência, a docente iniciou a aula trabalhando as consoantes. Para isso, ela recortou e colou no quadro folhas com cada uma das consoantes e foi pedindo para que as crianças localizassem determinadas letras. Todas as crianças participaram da dinâmica, algumas com mais dificuldade e outras menos. A menina que possui deficiência intelectual teve dificuldade em reconhecer a letra B e a professora foi dando dicas. Ela conseguiu fazer o reconhecimento da letra quando viu a imagem de uma bola e a escrita da palavra em outra parte da sala. Apesar da dificuldade, a docente estimulou a participação da criança como de costume.

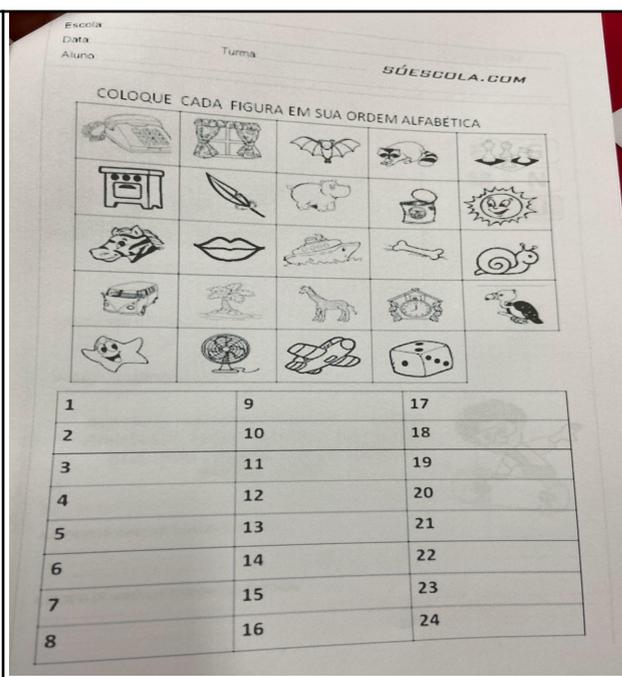
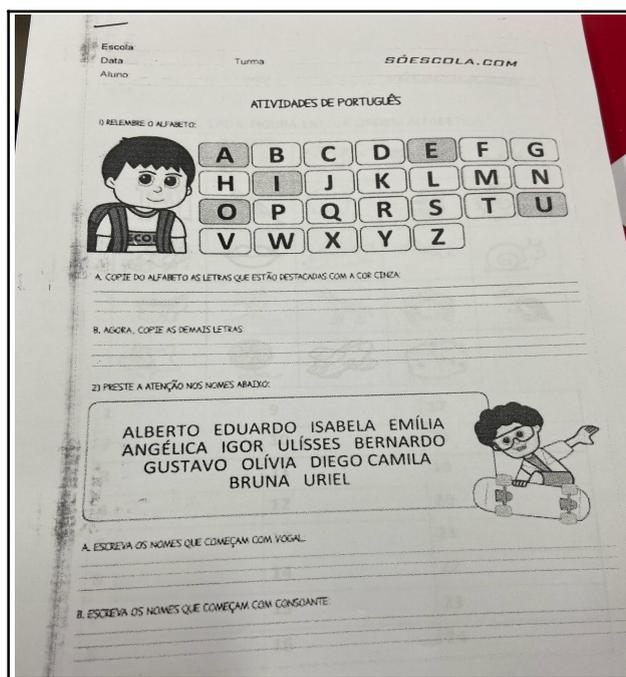
A professora trabalhou especificamente as diferenças das letras P e B; D e T; V e F. Para isso, ela fez o enfoque no som de cada letra para que as crianças percebessem a diferença. Na medida em que foi explicando, ela foi questionando todas as crianças para perceber a compreensão de cada uma delas. Em seguida, foi entregue uma atividade que solicitava que os estudantes completassem as letras faltantes nos nomes dos brinquedos populares. Esse tipo de atividade é interessante porque faz as crianças refletirem sobre a escrita e o apoio das imagens ao lado das palavras é favorável. Além disso, tal atividade reforça a ortografia e colabora com o reconhecimento dos padrões de escrita, trabalhando também as diferenças dos sons das letras.

As crianças com deficiência intelectual realizaram essa atividade com o auxílio do estagiário, mas elas não fazem ainda a relação entre letra e som de determinadas palavras. Além disso, por diversas vezes elas se dispersaram durante a explicação. Contudo, apesar do ritmo mais lento, elas conseguiram realizar a atividade proposta.



Fonte: Autoras, 2023.

Enquanto atividade para casa, a professora passou as seguintes folhas:



Fonte: Autoras, 2023.

Do mesmo modo, todas as crianças receberam a atividade e a docente fez a explicação. As crianças com deficiência intelectual têm o histórico de não realizarem as atividades de casa por não possuírem uma família presente e envolvida no processo de aprendizagens. Além disso, elas ainda não têm o domínio do alfabeto, bem como da leitura e escrita de palavras para conseguirem realizar a atividade sem mediação. Ainda sim, a docente considera importante incluí-las compartilhando todos os materiais usados em sala.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho objetivou identificar como acontece a prática de leitura direcionada para a aprendizagem de crianças com deficiência intelectual, considerando aspectos dos discentes e da docente. Dessa maneira, fica claro que quando a criança desfruta de um ensino mais individualizado e que contemple suas especificidades, as aprendizagens fluem melhor. As crianças, de forma geral, apresentam dificuldades na realização das atividades. Por possuírem diferentes ritmos de aprendizagem, o processo delas é um pouco mais lento e requer uma maior atenção.

A análise dos dados evidenciou, sobretudo, que há um empenho da professora regente em incluí-las em sala de aula regular. Apesar de não ser pedagoga e não possuir formação para o processo de alfabetização, a docente tem uma abordagem de ensino adequada e inclusiva, buscando recursos e utilizando estratégias estimulantes para as crianças. As atividades utilizadas por ela são devidamente contextualizadas e apropriadas para o ensino de leitura. No entanto, se houvesse uma ampliação nas experiências de formação continuada fornecidas pela rede municipal com enfoque na educação inclusiva, considera-se que esse trabalho poderia ser potencializado.

A articulação da docente com o estagiário das crianças é bastante positiva, considerando que ambos estão dispostos a exercer um trabalho significativo. Em concordância com Sarti (2009), entende-se que o estabelecimento de uma relação desse tipo entre professores experientes em seu ofício e estagiários da licenciatura possa converter-se em uma fértil oportunidade formativa para as duas partes. A docente

A falta de um suporte familiar satisfatório é outro aspecto que ficou em evidência. Face à leitura, é muito importante que a escola conheça e saiba como utilizar as experiências de casa para gerir as competências imprescindíveis ao letramento (Dessen; Polonia, 2007). Contudo, quando não há uma troca entre essas duas instituições, é possível que surja nas crianças um desinteresse pela escola e um baixo desempenho escolar. Além disso, a escola acaba por tentar suprir demandas que não cabem apenas a ela.

Este estudo contribuiu com a ampliação do debate acerca da deficiência intelectual e considera-se importante evidenciar a necessidade de estratégias pedagógicas que permitam o desenvolvimento deste público.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. (1977). **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Diário Oficial da União, Brasília. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm>. Acesso em: 12 de março de 2023.

BRASIL, Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm> Acesso em: 12 de março de 2023.

BRASIL. Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: currículo na alfabetização : concepções e princípios, ano 1, unidade 1. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. -- Brasília : MEC, SEB, 2012.

CIRÍACO, Flávia Lima. A leitura e a escrita no processo de alfabetização. Revista Educação Pública, v. 20, nº 4, 28 de janeiro de 2020. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/4/a-leitura-e-a-escrita-no-processo-de-alfabetizacao>

GONÇALVES, Angela Vidal. **Alfabetização**: o olhar das crianças sobre o aprendizado da linguagem escrita. Cad. Cedes, Campinas, v. 33, n. 89, p. 125-140, jan.-abr. 2013.

CAVALCANTE, Tícia; SANTOS, Joseane. **Reflexões sobre a escolarização de uma criança com Síndrome de Down**: currículo e alfabetização. Revista Ciranda, vol. 06, nº 01, p. 63-83. Minas Gerais, 2022.

DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana da Costa. **A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano**. Paidéia; Brasília, p.21-32, 2007.

GALVANI, Márcia Duarte; MENDES, Melina Thaís da Silva. **Letramento para estudantes com deficiência intelectual**. In: CAMPOS, J. A. P. P.; CIA, F.; GONÇALVES, A. G. Letramento para estudantes com deficiência. São Paulo. EdUFSCar – Editora da Universidade Federal de São Carlos, 2018, p. 139-159.

GHEDIN, Evandro. **Hermenêutica e pesquisa em educação**: caminhos da investigação interpretativa. In: Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos, 2004, Bauru. Anais do Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos. Bauru: EDUSC, 2004. v. Único.

LIBÂNEO, José Carlos. Organização e gestão da escola: Teoria e Prática. **Revista e Ampliada**, ed. 5. Livros MF: Goiânia, 2008.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso. **Pesquisa em Educação**: Abordagens Qualitativas. 5. ed. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda., 1986.

Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-IV. Porto Alegre: Artmed, 1995.

MINETTO, M. F. **Currículo na educação inclusiva**: entendendo esse desafio. Curitiba: IBPEX, 2012.

MOREIRA, H. e CALEFFE, L. G. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

OLIVEIRA, Isabel Cristina F; NASCIMENTO, Raimundo Benedito. **A importância da leitura no Ensino Fundamental – uma perspectiva interdisciplinar.** Revista Educação em Debate, Fortaleza, Ano 20, n. 36, p. 113-119, 1998.

SANTOS, D. C. O. Potenciais dificuldades e facilidades na educação de alunos com deficiência intelectual. **Educação & Pesquisa**, v. 38 (4), p. 935-948, 2012.

SARTI, Flavia M. Parceria intergeracional e formação docente. Educação em Revista, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, p. 133-152, 2009.

SILVA, Márcia Paula Soares da. **O papel da família e da escola no processo educacional.** Universidade Candido Mendes, Niterói, 2011.

SILVA, Paulina Gessika Ferreira da. SANTOS, Maria Raiana Barbosa dos. **Alfabetização e letramento: conceitos e diferenças.** Anais VII CONEDU - Edição Online; Campina Grande: Realize Editora, 2020. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/67925>>. Acesso em Outubro de 2023.

SOARES, Magda. **Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever.** São Paulo: Contexto, 2020. 352 p.

SZYMANSKI. **Entrevista reflexiva: Um olhar psicológico sobre a entrevista em pesquisa.** In: A entrevista na pesquisa em educação [livro eletrônico]: A prática reflexiva. 5 ed. Campinas, SP. Editora autores associados, 2021.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.